



## A liberdade de ser diferente

■ A comunidade homossexual luta pela legalização de direitos e mostra sua cara nas avenidas de todo país em grandes paradas pela diversidade sexual

Lardyanne Pimentel

Uma bandeira multicolorida pinta o céu de um Brasil de muitas faces. Desenhada pelo artista plástico Gilbert Baker, em 1977, a bandeira simboliza, por meio do arco-íris, a diversidade sexual humana. Ela se transformou em símbolo da comunidade homossexual. A ONG Gay Lawyers estima em 16 milhões o número de homossexuais (indivíduos que mantém relação emocional e sexual com pessoas do mesmo sexo) no Brasil, quase 10% da população. Esses cidadãos lutam contra o preconceito e por garantias legais, tais como, o casamento, a adoção e a criminalização da homofobia.

A vida de um homossexual, em muitos casos, é envolvida pela discriminação e violência. É o que mostram os dados do Grupo Gay da Bahia, a mais antiga entidade do gênero. A pesquisa anual sobre crimes com motivação homofóbica revela que 190 homossexuais foram mortos no ano passado, no Brasil. Uma média de um assassinato a cada dois dias. Desse total de vítimas, 60% são gays, 32% travestis e 4% lésbicas. O estado que lidera a estatística é Pernambuco com 27% dos assassinatos em 2008, seguido da Bahia com 25%, São Paulo com 18% e Rio de Janeiro 12%. Os números continuam a crescer: em 2009, já foram registrados 48 casos de homossexuais assassinados. De acordo com a mesma pesquisa, o Nordeste é a região mais homofóbica, pois abriga 30% da população brasileira e registra 48% dos homossexuais assassinados.

### Conquistas

No Mato Grosso, Sergipe, Rio de Janeiro e Distrito Federal e em 76 municípios - entre eles, Natal e Fortaleza -, há leis que penalizam a homofobia. Existem alguns projetos de lei na Câmara dos Deputados e no Senado Federal que beneficiariam os GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Entre eles, o apresentado por Marta Suplicy, quando era deputada federal, que permite a união civil, e o que trata da criminalização da homofobia.



Movimento GLBTT já conseguiu aprovar leis contra a homofobia e pretende conseguir mais direitos civis Foto: DIVULGAÇÃO

Apesar desses projetos ainda não terem sido aprovados no Congresso, muitas conquistas foram alcançadas na esfera judicial. Várias decisões reconheceram uniões homoafetivas, assegurando os direitos dos companheiros e permitindo a adoção de crianças. A primeira decisão desse tipo dada pelo Poder Judiciário brasileiro ocorreu em 2004, na cidade de Catanduva (SP), quando o juiz Júlio César Spoladore Domingos permitiu que dois homens que conviviam há mais de dez anos entrassem na fila de espera de pais adotivos. Desde então, outras decisões judiciais favoráveis foram tomadas, o que contribuiu para a formação de um costu-

me judicial e abriu precedentes para que outros homossexuais fossem aparados legalmente. Hoje, o casal homossexual pode realizar um contrato de parceria civil, no qual se reconhece uma parceria comercial. No entanto, para que se caracterize a união estável, ou seja, uma união afetiva com vida comum, é necessário entrar com uma ação judicial de reconhecimento.

### Grupos organizados

Todas as conquistas no cenário legal são resultados da atuação de particulares e de grupos organizados em associações que mantêm constantes diálogos com outros setores da sociedade. Em Fortaleza, o Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB) é uma entidade de Utilidade Pública Municipal que contribuiu com a aprovação da emenda à Lei Orgânica de Fortaleza, que garante mecanismos de enfrentamento à discriminação aos homossexuais. O grupo também atuou diretamente para a aprovação da Lei Municipal 8.211/98, que pune práticas discriminatórias devido à orientação sexual.

A entidade desenvolve diversos projetos, entre eles, o "Somos", que contribui para o crescimento de ONGs (organizações não governamentais) de promoção dos direitos humanos homossexuais, a fim de que elas trabalhem com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Também promove palestras, cursos e oficinas sobre os direitos homossexuais e funciona como um posto de distribuição de camisinha para toda a comunidade, independentemente da orientação sexual. Segundo Dediane Souza, diretora e educadora do GRAB, a instituição sobrevive da participação em editais do estado e da prefeitura, ou seja, concorre com outras fundações e, se ganhar, recebe verbas para o desenvolvimento de projetos.

"Acreditamos que quando conseguimos conscientizar um jovem sobre a importância do uso do preservativo ou um educador sobre a necessidade de estar atento e respeitar a diversidade sexual na sala de aula, fato que afeta os índices de evasão escolar, estaremos colhendo resultados do nosso trabalho", é o que pensa a diretora do GRAB. De acordo com ela, existem 24 associações ligadas aos direitos dos homossexuais no Estado, entre elas, a Associação de Travestis do Ceará e A Liberdade de Amor entre as Mulheres do Ceará.

### ! Saiba mais...

#### Parada pela Diversidade Sexual

Era época dos hippies, dos protestos contra a Guerra do Vietnã nos Estados Unidos, quando gays, lésbicas e travestis reunidos, no dia 28 de junho de 1969, no bar Stonewall Inn, em Nova York, saíram pelas ruas em um ato de protesto contra as constantes agressões e humilhações que sofriam da polícia. Em memória a esse episódio, criou-se o Dia Mundial da Consciência Homossexual, que já faz parte do calendário de Fortaleza.

A Parada pela Diversidade Sexual do Ceará é realizada desde o ano 1999. Este ano, de acordo com os dados da Polícia Militar, contou com a participação de cerca noventa mil pessoas na avenida Beira-Mar. Alguns homossexuais criticam a parada, pois alegam que ela é um grande carnaval fora de época e que não traz discussões políticas sérias. Apesar das críticas, a GRAB acredita que a parada é um ato de autoafirmação da identidade GLBTT, em que há visibilidade e coroação de um trabalho desenvolvido, anualmente, em defesa dos direitos dos homossexuais.



# ONG afasta crianças carentes das ruas

■ Crianças sem apoio familiar e acesso a políticas públicas para resgatá-las das ruas, encontram em ONGs a possibilidade de recuperar a infância perdida

João Paulo de Freitas

“Minha casa era debaixo do viaduto. Eu, minha mãe, minhas irmãs e minha avó morávamos lá, era um barraco. Minha mãe trabalhava em São Paulo, em casa de família. Quando ela voltou, resolveu ir morar embaixo do viaduto no Antônio Bezerra porque eu tinha uma tia que já morava lá. Minha mãe usava drogas, ela estava grávida do sétimo filho. Minha tia, que morava lá embaixo, também usava. Minha mãe pegava uma lata furada e colocava um pozinho. Eu ficava escondido olhando ela se drogar”, conta J.T., 12, há 5 anos fora das ruas.

Esse depoimento é apenas um de muitos outros que ilustram a realidade de crianças que já moraram nas ruas de Fortaleza. Sem apoio, essas crianças encontraram nas ruas o preenchimento do seu tempo ocioso. Muitas passavam o dia inteiro esmolando nos cruzamentos das avenidas para ajudar no sustento da família.

O envolvimento com as drogas era uma ameaça constante. Influenciadas pelos próprios pais, pouco preocupados com o impacto que o vício poderia causar no desenvolvimento físico dos seus filhos, muitas começaram a se drogar cedo. “Na primeira vez que fui tentar usar drogas, eu me queimei. Depois, eu consegui. Aí, eu fui pra rua, comprei loló, cola, maconha e pedra. Eu tinha seis anos nessa época. Eu conseguia dinheiro na rua e dava para minha mãe. Ela comprava droga, eu pedia pra comprar pra mim e ela me batia. Por isso eu pegava a droga escondido. Quando ela descobriu, me deu uma pisa. Fiquei com tanta raiva que peguei o álcool e joguei no colchão, risquei o fósforo e joguei. Aí pegou fogo. Eu estava drogado”, lembra J.T.

## Ação da O Pequeno Nazareno

Falta de educação, roubo, drogas, entre outras ameaças a que os meninos estão sujeitos, foram as principais causas para a formação de um trabalho idealizado por Bernd Josef Rosemeyer. Em 27 de maio de 1993, ele criou a ONG O Pequeno Nazareno, em Fortaleza. Rosemeyer, antes mesmo de fundar a ONG, já trabalhava



Atividades são oferecidas aos garotos que vivem nas ruas e possibilitam que eles aprendam e se mantenham longe das ruas. FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Sítio Pequeno Nazareno pode abrigar mais de 80 jovens. FOTO: ARQUIVO PESSOAL

com crianças moradoras de rua em Fortaleza. Em 09 de junho de 1995, juntamente com organizações governamentais e não governamentais, criaram uma rede denominada Equipe Interinstitucional de Abordagem de Rua, objetivando progredir e fortalecer as ações voltadas para o atendimento a crianças e adolescentes moradores de rua.

O “Sítio Pequeno Nazareno” foi criado para abrigar mais de 80 crianças e adolescentes, de seis a dezoito anos do sexo masculino. “Aqui eu gosto do lazer. A vida aqui no sítio é melhor do que na rua porque os meninos obrigavam a gente a comprar drogas pra eles”, afirma R.P., 12 anos, que está no sítio há 4 anos. Em 25 de abril de 2003, uma filial em

Recife foi inaugurada. Hoje, a ONG tem capacidade para acolher cerca de 120 crianças e oferece um programa socioeducativo que dispõe de moradia, alimentação, educação, esporte, lazer, profissionalização, orientação moral, religiosa e reintegração familiar.

A partir dos 14 anos, os adolescentes que ainda estão acolhidos no Sítio são inseridos em um programa de profissionalização e inserção no mercado de trabalho na condição de aprendiz. O programa chama-se “Projeto Gente Grande”, que realiza atividades preparatórias para o mercado de trabalho com minicursos sobre ética e comportamento em ambiente de trabalho. Enquanto a preparação acontece, a equipe do



Além da escola, é oferecido um programa de profissionalização. FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Gente Grande busca, no mercado, empresas parceiras que ofereçam uma oportunidade de estágio e, posteriormente, o primeiro emprego.

O coordenador de projetos da ONG, Manoel Torquato, acredita que há, também, uma preocupação nos trabalhos com essas crianças nas próprias ruas, já que algumas delas se recusam a serem abrigadas na instituição. São, ao todo, cinco agentes que vão às ruas promover cidadania, três na avenida Beira-Mar e dois no terminal da Parangaba.

Segundo a socióloga e professora da Unifor, Ângela Julita, existe uma necessidade da atuação de ONGs no Brasil, principalmente por ser um país onde uma grande parcela da população é mi-

serável e o poder público não atua com seriedade. Embora muitas dessas organizações estejam preocupadas com o lucro, existem aquelas que se empenham e buscam ajudar as classes menos favorecidas com eficiência. Para uma melhor compreensão dessa realidade, Ângela sugere assistir ao filme “Quanto vale ou é por quilo?”, co-direção de Sérgio Bianchi.

## Serviço

### Como ajudar:

Trabalhos voluntários, contribuição em dinheiro (doações diárias, mensais ou anuais), doações de alimentos, roupas, calçados e livros.  
Fone: (85) 3212-5727.  
Contribuição financeira:  
Fone: (85) 3878-6917.



# Movimento estudantil defende novas bandeiras

■ Marcados por um passado de lutas e conquistas, os movimentos estudantis procuram, no presente, alcançar os objetivos dos estudantes do século XXI

João Bandeira Neto

Nas décadas de 1960 e 1970, os movimentos estudantis tiveram atuação marcante no meio político nacional. Organizaram passeatas pelo retorno da democracia e por uma educação pública gratuita e de qualidade. Recentemente, conquistaram o a meia-passagem nos transportes e a meia-entrada no cinema, além de conseguirem colocar alguns de seus objetivos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira.

A classe estudantil representa 54,9 milhões de pessoas, segundo dados do último censo escolar feito pelo IBGE em 2006. Possui uma representação nacional que busca valorizar os estudantes de nível fundamental, médio e superior.

No Ceará, a Associação Cearense dos Estudantes Secundaristas (ACES) é a principal entidade de representação dos estudantes do ensino médio. Desde o seu congresso de fundação, ocorrido em 21 de junho de 2008, os estudantes cearenses contam com o auxílio da associação para a defesa de seus direitos. As bandeiras defendidas atualmente por eles constituem-se na busca pela meia-entrada para todos os estu-

dantes fortalezenses e na fortificação das associações por todo o interior do Estado. Para o presidente da ACES, o estudante Ivo Braga, 19, a luta da associação, atualmente, é pela reserva de vagas nas universidades públicas para os estudantes oriundos de escolas públicas.

Braga destaca a vontade de muitos universitários para a reconstrução da União Estadual dos Estudantes Universitários (UEEU), colocando os estudantes cearenses de volta nos grandes centros de debates pela melhoria educacional. “Existe a associação de estudantes secundaristas no Ceará. A nossa busca é pela criação dessa associação no meio universitário. Entre os estados que têm história no meio estudantil, o Ceará é o único que ainda não reconstruiu a sua UEEU depois do período ditatorial”, afirma.

## Mudança

Os ideais defendidos por grêmios e associações estudantis mudaram. Para o antigo militante estudantil João de Paula, que participou do movimento das Diretas Já, as causas defendidas pelas atuais uniões de estudantes em nada lembram o período que ele viveu. “A essência das nossas lutas eram a busca por uma democracia e o desenvolvimento do nosso país. O desejo de resolver as injustiças e o atraso da nossa nação era o que nos motivava para sair às ruas e chamar a atenção da população para nossa causa”.



Manifestações estudantis têm motivos diferentes das antigas passeatas estudantis Foto: ARQUIVO PESSOAL

Para o estudante universitário Pedro Silva, 21, o papel desempenhado pelas uniões de estudantes por todo o Brasil tenta refletir as necessidades atuais da classe. “Sabemos que não é mais missão nossa lutar por causas já conquistadas anteriormente. Cabe, a nós, buscar nossos direitos como estudantes no século XXI”.

No cenário atual dos movimentos estudantis, o que se destaca é a crise em que a União Nacional dos Estudantes (UNE) está envolvida. Segundo investigações do Ministério Público, ela fraudou convênios, forjou orçamentos e não prestou contas de recursos públicos recebidos nos últimos dois anos. A entidade apresentou documentos de uma empresa de segurança fantasma na tentativa de aprovar patrocínio para o Encontro Nacional em Brasília. No total, segundo dados do ministério da cultura, a UNE está irregular em nove convênios, totalizando 2,9 milhões de reais sob suspeita. Para o estudante Rodolfo Costa, escândalos como esse mancham a imagem de uma instituição que, aos poucos, perdeu sua atuação na vida dos estudantes.

## Saiba mais...

### UNE e os universitários

Os estudantes universitários são representados pela União Nacional dos Estudantes (UNE), fundada em 1937. Em 72 anos de atuação, a organização estudantil participou dos principais acontecimentos políticos, sociais e culturais do Brasil. O órgão de representação dos estudantes universitários é uma das principais organizações da sociedade civil brasileira, com o registro de uma história de lutas e conquistas. Participou da luta pelo fim da ditadura do Estado Novo, pela defesa de um projeto de desenvolvimento nacional, a exemplo da campanha do Petróleo, atuou com destaque nos chamados “anos de chumbo” do regime militar, na votação das Diretas Já e no *impeachment* do presidente Fernando Collor.

### Representação de classe

Ao contrário do que muita gente imagina, existe uma diferenciação de movimentos que representam os estudantes nacionalmente. A União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) ampara os alunos dos Ensinos Fundamental, Médio, Técnico, Profissionalizante e Pré-Vestibular. Reúne em torno de si todos os grêmios das escolas públicas e particulares, além das entidades estaduais e municipais secundaristas. Desde 1948, a UBES defende a juventude, a educação e uma nação livre e soberana, ao lado dos principais movimentos sociais. Os estudantes secundaristas também participaram de diversos momentos da história do país, tais como no combate à ditadura militar, nas manifestações dos “caras pintadas” que levaram ao fim do governo Collor, durante o governo FHC contra o neoliberalismo no Brasil e na América Latina.

<http://www.mme.org.br>

## Ensaio

# Cotas raciais : retrocesso histórico

Em um mundo perfeito, os problemas mais intrínsecos se resolveriam com as soluções mais simples. As cotas raciais estão nessa categoria: os negros sofreram anos de escravidão e preconceito. Há poucos negros ocupando espaços de poder na sociedade. Vamos colocá-los nas universidades. No entanto, o nosso mundo está longe de ser perfeito.

O preconceito não se desfaz com a reserva de vagas em um vestibular. Pelo contrário, ele aumenta. Não adianta alegar que a dívida do Brasil com os negros tem que ser sanada para ontem. Não tem. O país tem dívidas com

toda a sociedade brasileira, independente da cor da pele. Entretanto, dívidas históricas não se resolvem em curto prazo. As universidades também são espaços de construção do conhecimento e pesquisas, não de compensação da realidade social.

O conceito moderno de igualdade, tão preconizado nas academias, “tratar os desiguais desigualmente”, mostra como o sistema de cotas é falho. Ao tratar os negros desigualmente, está reconhecendo uma desigualdade entre eles e os cidadãos de outras cores que, na realidade, não existe. Alega-se que os negros são desiguais porque sofreram

um longo processo histórico de marginalização. No entanto, os índios também o sofreram. E os filhos de negros e brancos. E os imigrantes de inúmeras cores. Todos foram alvo de preconceito. Como calcular quem foi mais excluído? Os processos de dominação não ocorreram apenas por ocasião da escravidão dos negros. Estão presentes em todos os tempos históricos e nas mais diversas sociedades. Os negros escravizavam e vendiam outros negros na África.

O modelo importado de cotas foi implantado nos Estados Unidos há 50 anos, quando ainda havia segregação nos espaços

públicos onde apenas negros ou brancos poderiam transitar. Depois da Suprema Corte americana ter declarado inconstitucional a instituição de cotas raciais nas escolas, o Brasil resolve adotar o modelo. Uma forma criativa de retrocesso.

A incapacidade dos governantes em perceber a realidade do processo de miscigenação que houve no Brasil também fica evidenciado. O que é o negro brasileiro? Quem ele é? É o negro, o caboclo, o pardo? Em um país onde os pardos se consideram brancos, os negros se consideram pardos e 86% da população é miscigenada, como

saber quem é realmente negro? Fazendo teste de DNA?

Os incautos defensores das cotas alegam que o negro é aquele que se declara como tal. No entanto, já houve casos de pessoas que o fizeram e não foram aceitas no sistema.

As cotas não são borrachas mágicas com o poder de apagar anos de preconceito. O déficit social só será sanado, a longo prazo, com a implantação de políticas públicas que permitam que todas as pessoas tenham condições de competir em igualdade, independente de tratamentos desiguais e da cor da pele.

(Gabriela Ribeiro)



# Democracia na “ágora eletrônica”

Já batizada de “ágora eletrônica”, a Internet vem abrindo fóruns para discussões públicas e configurando novos espaços para participação política

Aline Veras e Gabriela Ribeiro

Na Grécia Antiga, os cidadãos se reuniam na ágora - praça pública principal na pólis grega - para discutir e votar decisões políticas. Hoje, essa realidade não é mais possível. No entanto, quem está acostumado a utilizar a Internet apenas como meio de lazer, pode se surpreender com o uso que algumas pessoas têm feito da rede. Em vez de manterem conversas banais ou diários, têm utilizado os novos canais e tecnologias para discutir ideias sobre política.

Em espaços como fóruns, sites de relacionamentos e referendos virtuais, os internautas podem dar suas opiniões sobre qualquer assunto, trocar experiências, discutir política e até mesmo participar virtualmente em abaixo-assinados.

A socióloga Simone Oliveira, professora da Unifor, explica que “todos os movimentos e todas as ideologias são criadas e recriadas a partir de alguma unificação de grupos. No caso da criação de comunidades, esse ambiente de mídia favorece o surgimento e o fortalecimento de grupos, ambientes de discussões e fóruns porque no espaço virtual há uma enorme possibilidade de agregar pessoas e criar movimentos. Faz parte do movimento da vida real, querer unificar-se. A Internet aproxima, vence as distâncias entre as pessoas. Então, a rede serve para expandir realmente os grupos, as pessoas, os partidos. Não se pode pensar o mundo sem a Internet e tudo o que ela fez para a comunicação e para as relações sociais”.

Os novos lugares de discussão aparecem nos canais de comunicação mais inusitados, como o Orkut. Conhecido como um local de socialização e troca de recados, o meio tem servido a jovens que querem discutir política também. Há comunidades que abrigam fóruns de discussão sobre leis, manifestações e onde as pessoas podem tirar dúvidas sobre seus direitos.

## Não fica só na rede

Ao contrário do que se pode pensar, as discussões têm gerado movimentos fora do âmbito da Internet também. Um bom exemplo é o Movimento Libertário, que surgiu no Orkut. Em entrevista ao jornal O Estado, Juliano Torres, o presidente, explica que o movimento surgiu há três anos em uma comunidade de debates sobre



Jovens têm participação política cada vez mais ativa utilizando recursos oferecidos pela internet, como enquetes e fóruns. FOTO: FABIANE DE PAULA

filosofia. Os usuários notaram que compartilhavam da mesma ideologia (o ultraliberalismo) e resolveram se unir e fundar um partido político.

Os libertários contam, agora, com 500 integrantes em todo o país. O movimento vem trabalhando para difundir seus ideais, conseguir mais integrantes e se firmar como partido político. Para tanto, eles precisam de 500 mil assinaturas em nove estados. No mês de outubro de 2009, eles realizaram uma jornada de palestras pelo Brasil, nos auditórios de universidades, explicando o movimento.

Os governantes também viram, na Internet, a oportunidade de se aproximar dos cidadãos. Assim, foram abertos espaços para a participação e colaboração nas decisões de como utilizar as verbas públicas. As pessoas podem ser atores importantes para o implemento do governo eletrônico e poderão atuar mediante sua participação em consultas, fóruns e referendos eletrônicos. A sociedade pode cobrar e fiscalizar, com mais facilidade, os gastos públicos dos políticos e saber como o dinheiro do contribuinte é aplicado.

Simone Oliveira ressalta que “alguns governos e prefeituras já criaram o que chamam de orçamento participativo, quando o cidadão é chamado para decidir determinadas questões. Há também os observatórios

como o Transparência Brasil e outros sites que possibilitam a efetiva participação no uso dos recursos públicos. O Estado é nutrido pela contribuição da

população e é gerido com a autorização da sociedade, porque quem está gerindo os recursos é quem eu estou elegendo. Nesse sentido, esses fóruns, esses si-

tes, agregam essa discussão dos recursos públicos, a forma de gerir, como utilizar, como aplicar para favorecer os serviços públicos que nós precisamos”.

## Discussões no Orkut

### Projeto de Lei de iniciativa popular.

Início > Comunidades > Governo e Política > Vamos mudar o Brasil agora!!! > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-10 de 12

primeira | < anterior | próxima > | última



sayeso

#### Projeto de Lei de iniciativa popular.

O Art. 61. - § 2º Da CF/88- Fala que a iniciativa popular pode ser exercida pela apresentação à Câmara dos Deputados de projeto de lei subscrito por, no mínimo, um por cento do eleitorado nacional, distribuído pelo menos por cinco Estados, com não menos de três décimos por cento dos eleitores de cada um deles.

Ou seja, podemos fazer algo pelo nosso país, pelo povo brasileiro, mas para isso precisamos nos unir. Sugestão para o projeto de Lei: Tornar a constituição uma matéria obrigatória nas escolas, assim os alunos teriam conhecimento dos seus direitos e colocariam em prática.

Um exemplo desse tipo de manifestação que deu certo é projeto Amazônia para sempre, de Christiane Torloni e Victor Fasano que estão à frente do projeto; eles conseguiram arrecadar mais de um milhão de assinaturas correspondente as exigências do artigo.

A união faz a força.



Prof. Sueli

que podemos fazer? é só dizer que eu concordo pois assim não dá.



Paulo

#### Contem comigo.

Vamos organizar isso. Dar uma cota para cada participante seria um bom começo. O que acham?



garota má.....

#### topo

se depnder de mim estou dentro

### Vote a favor do ato médico

Início > Comunidades > Alunos e Escolas > UnB - Universidade de Brasília > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-10 de 15

primeira | < anterior | próxima > | últ



Drummond

#### Vote a favor do ato médico

Está rolando no site do senado, durante este mês, uma enquete a respeito do Ato Médico! Acho que nós, como médicos, devemos, de alguma forma, nos manifestar!

<http://www.senado.gov.br/agencia/default.php?mob=0>



F

Vote contra!



Raissa

Vote contra! [2]



Bruno

vote conta [3]



# TBrasil combate a corrupção na política



Corrupção e desvio de verbas públicas são problemas que a ONG tenta combater, por meio da fiscalização de atos do governo. Foto: Divulgação

■ O Instituto Transparência Brasil (TBrasil) é uma ONG que realiza projetos com intuito de dar mais transparência aos atos do governo e combater a corrupção

Lauro Pimentel e João Facó

Condenada pela maioria dos brasileiros, que a considera como a maior culpada pelos diversos problemas do país, a corrupção política é mascarada pela falta de clareza das instituições públicas e pela cultura da impunidade. No ano 2000, um grupo de pessoas, entre elas o ex-procurador Geral da República, Aristides Junqueira Alvarenga, o economista Fernando Celso Garcia de Freitas e o jornalista Juca Kfourri, reuniu-se e criou a organização não governamental Instituto Transparência Brasil (TBrasil), com o objetivo de monitorar os gastos governamentais, denunciar irregularidades e disponibilizar informações à população em relação ao uso que nossos governantes fazem com o dinheiro público, no âmbito federal e estadual.

O principal veículo utilizado pela ONG para acompanhar e divulgar suas pesquisas é a Internet. Por meio dela, o TBrasil oferece vários meios para identificar possíveis atos de corrupção, tais como superfaturamento e desvio de dinheiro público. Uma dessas ferramentas é o Assistente Interativo de Licitações, um aplicativo que permite identificar qualquer desvio de verba, por meio de uma comparação do edital de licitação com aquilo que é exigido nas leis. Outro instrumento utilizado pela organização é o Projeto Excelências, que consiste em um histórico da vida pública de todos os parlamentares federais e estaduais, além de um banco de dados com

informações e análises sobre o financiamento eleitoral.

Segundo o diretor executivo da TBrasil, Cláudio Weber Abramo, em entrevista ao programa É Notícia, da RedeTV!, a situação da corrupção brasileira não pode ser melhorada de forma repentina, deve ser um processo gradativo. “Isso se dá lentamente, ao longo de uma ou duas gerações. É muita coisa que tem que ser alterada na gestão do Estado e nas leis”, esclarece. Abramo afirmou que as pessoas tendem a pensar que a corrupção está aumentando devido à imprensa divulgar alguns casos, mas o que acontece é exatamente o contrário, pois essa divulgação causa um certo receio aos corruptos.

Para o deputado estadual Artur Bruno (PT/CE), o Transparência Brasil é extremamente útil para os contribuintes e sindicatos fazerem controle das contas públicas. Mas explica que a ONG não é utilizada apenas para o esclarecimento da população. Os próprios parlamentares acessam as receitas e as despesas do governo através dos sites da organização. “Sempre peço à minha assessoria para acessar os dados da TBrasil para me subsidiar nos meus pronunciamentos, pesquisas e no meu trabalho de fiscalização

dos outros poderes”, explica o deputado cearense.

Apesar do pouco tempo de existência, a Transparência Brasil já foi decisiva para desvendar vários casos de corrupção em nosso país. Em 2009, por exemplo, o Instituto enviou uma carta ao Ministério Público Federal e ao Tribunal de Contas da União pedindo providências em relação a alguns escândalos ocorridos nas duas Casas do Congresso Nacional, o Senado e a Câmara dos Deputados. Um dos casos citados na carta foi o desvio de verba pública feito por alguns deputados e senadores para a aquisição de passagens aéreas para seus familiares e amigos.

Outra organização não governamental que busca o combate a esses desvios de verbas é a Transparência Internacional, com sede em Berlim, Alemanha. Fundada em 1993, a TI produz, anualmente, uma classificação e um relatório com análises das irregularidades cometidas com as verbas públicas de vários países no mundo (veja o quadro). Porém, a entidade aconselha que os países não se orientem somente nas posições do ranking como indicadores de evolução no combate à corrupção, pois a avaliação é feita com base apenas em pesquisas.

## Ranking Internacional de Corrupção

O ranking divulgado pela Transparência Internacional, em novembro de 2009, utilizou dados obtidos por 13 organizações, como o Branco Mundial e os centros de pesquisa privados Economist Intelligence Unit e Global Insight. A classificação reúne 180 países, que recebem notas de 0 a 10 de acordo com o seu nível de corrupção, ou seja, quanto maior a nota, menor o índice de irregularidades cometidas com a verba pública.

- 1º – Nova Zelândia (9,4)
- 2º – Dinamarca (9,3)
- 3º – Cingapura (9,2)
- 75º – Brasil (3,7)**
- 180º – Somália (1,1)

(Fonte: [www.transparency.org](http://www.transparency.org))

## Direito do Consumidor

“Comprei um notebook em uma terça-feira. O vendedor me disse que eu deveria recarregá-lo só depois que a bateria terminasse. Fiz a primeira recarga na sexta, mas a tela do computador estava ‘preta’. No sábado, fui à loja. Lá, me disseram que o problema era na malha e que eu deveria procurar a assistência técnica, que só tem em São Paulo. Não achei justo, chamei a gerente, reclamei e ela trocou o computador.”



Thésica Alves  
Aluna do 4º semestre de Enfermagem

A estudante universitária não está sozinha nesta reclamação. De maio de 2007 a outubro de 2009, foram registradas 1032 denúncias sobre produtos de informática no Programa Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor do Ceará (Procon-CE). Porém, os clientes devem ficar atentos, pois o Código de Defesa do Consumidor (CDC) deixa brechas, no que diz respeito ao amparo jurídico às pessoas que compram em uma loja e só se dão conta do defeito no produto alguns dias após a aquisição.

De acordo com o artigo 49 do CDC, apenas quem fizer compras fora de uma loja, ou seja, por telefone, a domicílio ou via Internet, pode desistir do contrato, no prazo de sete dias, a contar de sua assinatura ou do ato de recebimento do produto ou do serviço. “Não existe um artigo no código que obrigue a empresa a fazer a troca quando a compra é efetuada em um estabelecimento. O cliente deve procurar a loja, e esta, encaminhar à assistência técnica”, alerta Camille Sorensen, assessora jurídica do Procon-CE.

O caso da aluna Thésica Alves pode ser configurado no artigo 26, parágrafo 3º, como vício oculto, ou seja, quando se adquire um produto ou serviço e o defeito, real ou potencial, não é facilmente identificável no momento da compra. Segundo a assessora, após a descoberta do defeito, o consumidor deve procurar imediatamente a loja onde o produto foi comprado. O prazo de reclamação começa a contar a partir do momento em que fica evidenciado a falha na peça e se estende por 30 dias, para os bens não duráveis e 90 dias, para os bens duráveis. A loja, por sua vez, deve enviar à assistência técnica, se o defeito for comprovado. De acordo com o artigo 18, parágrafo 1º, incisos I, II e III do CDC, o consumidor tem três opções de ressarcimento:

- 1) A substituição do produto por outro da mesma espécie, em perfeitas condições de uso;
- 2) A restituição imediata da quantia paga, monetariamente atualizada, sem prejuízo de eventuais perdas e danos;
- 3) O abatimento proporcional do preço.

Caso o produto volte a dar o mesmo defeito, poucos dias ou semanas após o retorno, Camille Sorensen aconselha a abertura de uma queixa no Procon. Ela explica que as empresas têm 30 dias para solucionar a falha. “Se o produto for várias vezes para a assistência técnica em um curto espaço de tempo, pelo mesmo problema, e se nessas vezes somadas, ele (produto) passou mais que 30 dias, já dá margem para entrar com uma ação judicial”.

Após aberto o processo em um órgão de defesa do consumidor, as duas partes – empresa e cliente – são chamadas para uma audiência conciliatória. Nessa audiência, o advogado da empresa e o que defende o interesse do consumidor tentam entrar em um consenso. Se houver êxito na disputa, o cliente pode escolher entre as três opções de ressarcimento do artigo 18.

Em benefício da população, a balança da Justiça nas disputas pelas causas consumeristas tem sido favorável aos clientes. “De todos os casos que recebemos aqui (Procon-CE), nós conseguimos resultados positivos em 70% deles nas audiências de conciliação”, revela Camille Sorensen. Caso não haja um acordo, o promotor entrará com um processo administrativo contra a empresa. A pena de multa para o fabricante, neste caso, pode variar de R\$ 498,30 a R\$ 7 milhões. Se engana quem pensa que o processo é demorado - a assessora jurídica garante que não. “Cada processo leva de dois a três meses, no máximo, para ser resolvido”.

O procedimento indicado aos consumidores, segundo o Procon, é que se negocie um prazo, no ato da compra, para a troca da mercadoria, com a data limite impressa e assinada no verso da nota fiscal. Com o objetivo de conquistar o cliente, algumas lojas já adotaram essa medida em seu atendimento.

Mais informações: Decon – 0800 275 8001

Wolney Batista



# “Acredito que podemos mudar a realidade em que vivemos”

■ No último dia 19 de novembro, alguns jornais destacaram em manchetes a fotografia de uma mulher caída no chão, em frente ao Supremo Tribunal Federal, em Brasília, após ter sido expulsa por seguranças. Conforme informavam as legendas das fotos, ela fazia parte de um grupo de manifestantes que pedia a não extradição do ativista político italiano Cesare Battisti, o que o Supremo acabaria autorizando no final da sessão. A mulher em questão era a cearense Rosa Maria Ferreira da Fonseca. Pedagoga, socióloga e pós-graduada em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), ela se define como “uma mulher ligada a sua representatividade nas questões da luta pela emancipação humana e que acredita que juntos podemos mudar a realidade em que vivemos”. Rosa Maria nasceu no dia 24 de abril de 1949, na terra da galinha choca, Quixadá. Foi diretora do Diretório Central dos Estudantes da UFC, na época da ditadura militar. Depois da difícil experiência de ser presa e torturada, participou da fundação do Movimento Feminino Pela Anistia, da União das Mulheres Cearenses, da Associação dos Sociólogos do Estado do Ceará e Central Única dos Trabalhadores (CUT), da qual integrou a Direção Nacional e Estadual. Militou no PT, PSB e PSTU. Foi vereadora de Fortaleza e professora municipal. Fundou, ao lado de amigos – entre eles a ex-prefeita de Fortaleza, Maria Luiza Fontenele –, o Grupo Crítica Radical, que rompe com a política institucional e busca a emancipação humana por meio da difusão da idéia do fim do capitalismo. Atualmente, prepara o Fórum Transnacional Antifetichista, que será realizado em Fortaleza nos dias 11 a 15 de janeiro 2010. Ela recebeu a reportagem do Coletivo para a seguinte entrevista:



Rosa Maria nunca desistiu do ativismo político e acredita que é possível uma sociedade mais solidária e humana. Foto: DIVULGAÇÃO

Lardyanne Pimentel

**Coletivo** - Como iniciou a sua atividade política?

**Rosa Maria da Fonseca** - Em Quixadá, na adolescência, tomei conhecimento da realidade cruel de várias mães que moravam próximo a minha casa, na Rua do Sossego. Muitas crianças morriam por desnutrição. Eu sentia uma dor ao vê-las perdendo seus filhos. Elas agradeciam a Deus por ele ter tirado seus filhos, pois entendiam que eles estariam em um lugar melhor. Isso me marcou muito. Uma mãe que agradece alguém por ter tirado o seu filho, demonstra o sofrimento que ela passa. Também me lembro das prostitutas da cidade que eram presas e levadas para a cadeia pelas ruas. Elas protestavam e eram agredidas publicamente. Todas aquelas imagens foram guardadas e contribuíram para que eu entendesse que a sociedade não podia continuar daquela forma. Meus pais eram muito religiosos e sempre tiveram a ideia de solidariedade e humanismo. Meu pai tinha uma padaria e atuava com os Vicentinos ajudando às pessoas que não tinham casa. Minha mãe era da Legião de Maria. Eles sempre estavam engajados na atividade social no campo assistencialista. Em Quixadá, depois da missa, os padres iam para minha casa. Fui criada em um ambiente humanístico

e pude entrar em contato com muitos padres progressistas, como Tarcísio Santiago e Moacir Gordeiro Leite, ligados ao compromisso com os pobres e à Teoria da Libertação. Quando entrei na universidade, me engajei no movimento estudantil e, a partir daí, fui compreendendo que não deveríamos ficar esperando a ação de um ser divino, mas agirmos, pois a realidade era fruto das nossas ações.

**C** - A sua passagem pela universidade se deu em pleno regime militar. Como foi vivenciar esse momento no meio estudantil?

**RMF** - A União Nacional dos Estudantes (UNE) foi colocada na ilegalidade, todas as entidades estudantis foram fechadas. Então, traçamos uma estratégia para abrir um novo espaço para nossa atividade. Resolvemos participar dos conselhos universitários. O movimento estudantil de oposição à ditadura era feito clandestinamente na universidade, com distribuição de panfletos nos banheiros, nas carteiras e reuniões, quando os delatores não estavam por perto. Contávamos com a ajuda de funcionários que nos avisavam quando alguém se aproximava. Fazíamos comícios-surpresas nas casas dos estudantes, em sítios ou na Praça José de Alencar, onde um de nós dava o sinal e subia no banco da praça com um megafone, denunciando



Manifestantes pedem a não extradição do italiano Cesare Battisti. Foto: AGENCIA BRASIL

do as barbáries da ditadura e declarando “Abaixo o regime!”. Quando a polícia vinha, saíamos todos correndo. Muitos companheiros tiveram que sair do Estado ou foram presos.

**C** - Como ocorreu a sua prisão pela polícia da ditadura militar?

**RMF** - Foi quando o Ministro da Educação Jarbas Passarinho, em 1971, veio à Fortaleza para participar de um debate na televisão que estava sendo promovido em todo o país. O objetivo era passar a ideia de que havia diálogo com os estudantes e que as denúncias internacionais sobre a repressão eram apenas acusações sem fundamento. Então, a reitoria da UFC me convidou para representar os universitários. Eu não era vista como subversiva,

pois o movimento estudantil era feito na clandestinidade e eu havia entrado na universidade apenas em 1967. Junto com os estudantes, decidimos que eu iria ao debate, pois seria ao vivo e não teria como ser censurado. No programa, o ministro falou que a maior prova de que o governo tinha um diálogo com os estudantes é que ele estava lá, debatendo com o representante dos professores e outros colegas. Foi quando eu retruquei: “Senhor ministro, a primeira coisa que eu quero lhe dizer é que eu não me sinto representante dos estudantes, pois os nossos verdadeiros representantes foram presos, estão refugiados e as nossas entidades foram fechadas. Enquanto o senhor diz que tem muita verba para

a educação, 40 % da verba da União vai para o as forças militares, enquanto aproximadamente 4% vai para Educação”. Ele ficou extremamente nervoso e disse que não havia vindo ali para isso, que nós éramos uns subversivos. Dias depois, a Polícia Federal foi até a residência universitária para me prender, mas eu consegui fugir, pulei o muro e corri pela Marechal Deodoro. Fiquei escondida na casa de uma amiga. Eles levaram todas minhas coisas do quarto. Foram à faculdade e exigiram do diretor que eu me apresentasse, pois iriam apenas me fazer perguntas. Os estudantes acharam que eu deveria ir à polícia. Então eu me apresentei, fui presa, julgada por subversão e condenada a dois anos. Ainda cumpri dois meses a mais. Fui torturada e espancada. Também me suspenderam da universidade por três anos.

**C** - Recebeu alguma indenização do Estado pela perseguição e prisão a que foi submetida?

**RMF** - Não recebi e não quero receber. Respeito os que pensam de outra forma, mas acredito que o que deve ser feito é o esclarecimento do que ocorreu na ditadura e a punição dos executores dos vários crimes cometidos. A meu ver, essa indenização é um “cala a boca”. Nada vai apagar e pagar os crimes praticados.



# Exemplo de convivência e prática cidadã em Fortaleza

Localizada no bairro do Cocó, a Praça Martins Dourado é reconhecida como símbolo de zelo com o espaço público. A manutenção do lugar deve-se à união dos moradores e à criação da Associamigos

Lauro Pimentel Gomes

Crianças brincando com seus animais de estimação. Pessoas fazendo caminhada. Casais namorando sob a sombra das árvores. Mães passeando com seus bebês... Assim é a Praça Martins Dourado, localizada no bairro do Cocó, considerada um exemplo de união dos cidadãos com o objetivo do bem comum.

No ano 2000, os moradores da região fundaram a Associação dos Amigos da Praça Martins Dourado (Associamigos), a fim de criar um ambiente saudável para a convivência das pessoas (leia texto abaixo). Antes do nascimento da Associamigos o espaço era abandonado, um lugar que os moradores tinham medo de atravessar por conta da falta de luminosidade e segurança. O trabalho de revitalização do logradouro não foi um processo demorado, mostrando que as pessoas, quando se unem em prol de um objetivo, esse é alcançado rapidamente.

Para que a manutenção do ambiente seja possível, aproximadamente 200 moradores associados contribuem com uma quantia mensal de R\$ 10 reais. O dinheiro arrecadado é investido, por exemplo, no



Praça é um ambiente de convívio social, prática de atividades físicas e lazer em família FOTO:WALESKA SANTIAGO

pagamento de um jardineiro. Dentre as realizações da associação, está a reforma da metade do canteiro central e a obtenção, junto à Prefeitura, de 12 lixeiras para o local.

Além de proporcionar um ambiente bastante agradável para a população, a Associamigos proporciona aulas de capoeira e Tai Chi Chuan. As aulas de capoeira são oferecidas gratuitamente, o único requisito para participar é ter mais de quatro anos de idade. Para as aulas de Tai Chi Chuan, é cobrada uma taxa simbólica de R\$ 10 reais por aluno.

Outra oportunidade de lazer para as pessoas é a realização, desde 2004, do Pré-Carnaval da Praça Martins Dourado. Para animar os foliões, o bloco "Com jeito vai" toca as famosas marchinhas de Carnaval. Uma festa com muita folia e segurança. Outro momento de confraternização realizado anualmente é o São João. O arraiaá conta com muito forró, comidas típicas, brincadeiras e com a animação de quadrilhas improvisadas. A iniciativa recebe o auxílio da Secretaria Executiva Regional II (SER II) e da Polícia Militar.

Por todos esses motivos, o local tornou-se referência de espaço público. Em 2005, o logradouro conquistou a primeira edição do prêmio Gentileza Urbana, concurso realizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento Ceará (IAB-CE). Alguns membros da Associamigos também foram convidados pela Organização Não-Governamental Direito, Democracia e Desenvolvimento para a realização de palestras, com o intuito de sensibilizar e incentivar outras pessoas a fazerem o mesmo trabalho realizado na Praça Martins Dourado.

## História da praça

Agora, um lugar bem cuidado, onde pessoas de todas as faixas etárias se encontram para a realização de diversas atividades. Mas, os moradores da região tiveram que lutar muito para que a Martins Dourado se tornasse o ambiente saudável que é atualmente.

O logradouro onde está localizada estava previsto para se tornar uma praça desde 1972. Porém, na década de 1980, a Prefeitura de Fortaleza autorizou a permuta do terreno por outro maior, na Maraponga. No local, seis edifícios iriam ser construídos. A notícia de que o espaço seria ocupado por prédios revoltou as pessoas que moravam próximo ao espaço, que se juntaram para enfrentar os vereadores. A Lei Municipal nº 5.792, de 13 de dezembro de 1983, aprovada pela Câmara Municipal foi

sancionada, desfazendo a antiga troca e nomeando o local como Praça Martins Dourado.

Logo após esse problema ser resolvido, surgiu um bem pior. Em outra gestão, a Prefeitura incentivou a invasão de espaços em que não houvesse cercas ou muros. Os senhores Nilo e Pedro Colaço Dourado, junto com uma dezena de funcionários de suas fazendas, se prontificaram a cercar o espaço. Em um final de semana, o serviço foi cumprido, evitando a invasão de pessoas e a criação de uma pequena favela no local.

No ano de 1989, foi criada a Associação Comunitária do Papicu, tendo como presidente o Dr. Ruymar Abitbol. Dois anos depois, em 1991, na gestão do Prefeito Juracy Magalhães, a praça foi finalmente inaugurada.



Atualmente, crianças podem brincar à vontade, com segurança FOTO:WALESKA SANTIAGO

Atualmente, quem zela pelo local é a Associação dos Amigos da Praça Martins Dourado, substituindo a anterior. O objetivo da atual associação é o mesmo da antiga: a manutenção do ambiente, sua segurança e sua limpeza. Em apenas um ano, a Associamigos já

contabilizou várias realizações, dentre elas, a reforma do sistema de iluminação da praça.

### Serviço

Associação dos Amigos da Praça Martins Dourado (Associamigos)  
Tel.: (85) 3265-5141

### Resenha

## Loiras falsas



*Legalmente loira 2: vermelho, branco e loiro.* À primeira vista é uma comédia para meninas pré-adolescentes. À segunda vista também. O diferencial do filme, no entanto, é o pano de fundo em que a história principal se passa: o Congresso americano. O filme mostra, em vários momentos, a política que é feita hoje, por debaixo das lentes da imprensa.

Elle Woods, personagem de Reese Witherspoon, agora é uma advogada bem-sucedida. Quando chega o aniversário de seu cachorro, ela resolve procurar pela mãe "verdadeira" dele. No entanto, descobre que a mãe do cachorro é propriedade de um laboratório que faz experiências com cosméticos em animais. Ela resolve, então, procurar a empresa e pedir que libertem a cadelinha. Como a empresa é cliente de seu escritório de advocacia, ela acaba demitida.

Ela resolve, então, ir para o Congresso e aprovar um projeto de lei que proíba experiências cosméticas em animais. São demonstrados, nesse aspecto, todos os interesses por trás da aprovação de leis. O jogo do poder econômico e sua influência nas decisões políticas. Também aparece todo o poderio simbólico envolvido no campo político.

Congressistas que aprovam projetos que lhes darão visibilidade na mídia, o poder de barganha que algumas pessoas podem ter se souberem de algum segredo, a complacência e falta de iniciativa dos jovens assessores. Tudo isso se reflete na nossa política também. A loira Elle Woods, entretanto, destaca-se pela cor de seu cabelo e pela atitude honesta, pró-ativa e otimista. Esse personagem, há muito, só existe em filmes americanos. O que temos, por aqui, são algumas falsas loiras.

Gabriela Ribeiro



## Entrevista

# Sorrir é o melhor remédio

■ O que você faz no seu fim de semana? Fica com a família, com os amigos, vai ao cinema e namora? Para um grupo de jovens, além de tudo isso, os sábados e os domingos são dias de vestir a roupa colorida, pintar a cara de palhaço e visitar hospitais de Fortaleza. Eles fazem parte do Grupo RiSonhos, projeto social voluntário, que leva aos hospitais, além de brincadeiras e brinquedos, bem-estar e alívio para crianças que convivem com a pesada rotina de cirurgias e quimioterapia. Sabryna Esmeraldo Souza, 21, estudante de Jornalismo da Unifor, dá vida à palhaça Raio de Sol, ou simplesmente Sol, como é conhecida pelas crianças dos hospitais visitados. Dificuldades financeiras e lições de vida, fazem parte do cotidiano da jovem no projeto. Ela conversou com o Coletivo e relatou a sua experiência:

**Wolney Batista**

**Coletivo** – Como surgiu o projeto e quando você começou a participar dele?

**Sabryna** – O projeto existe há um ano e oito meses. Eu entrei em fevereiro de 2008, quando ainda se chamava Vagalumes-Ceará. O primeiro Vagalumes surgiu em São Paulo, e a Silvinha (Silvia Macari, coordenadora do projeto na época) foi quem criou aqui, em Fortaleza. Nós temos orgulho de dizer que nos chamávamos Vagalumes, porém, vimos que o trabalho dos outros Vagalumes era completamente diferente do nosso, por isso resolvemos mudar o nome para RiSonhos.

**Coletivo** – De onde surgiu o interesse de entrar em um projeto social?

**Sabryna** – É difícil dizer por que entrei. Acho que é por que sempre gostei de fazer as pessoas sorrirem, então o projeto era uma oportunidade mais que perfeita. Acho que está mais fácil responder porque eu continuo. Hoje não consigo me imaginar fora do projeto. Sem estar ouvindo um: ‘não vai agora, palhaço’. Se eu continuo, não é só pelo bem que eu faço a essas pessoas, mas o bem que essas pessoas fazem pra mim.

**Coletivo** – Em quais hospitais vocês fazem as visitas?

**Sabryna** – Nós vamos ao Albert Sabin, na ala infantil do IJF (Instituto José Frota), no Lar Torres de Melo e, agora, estamos visitando também o Lar para Idosos, que é uma instituição onde abrigam moradores de rua. Nessas quatro instituições, temos nosso calendário de visitas afixado, que é renovado a cada semestre. No início, quando as pessoas ainda não tinham confiança no nosso trabalho, não tínhamos autorização para visitar nem a ala C, que é de Oncologia, nem a A, de recém-nascidos, do Hospital

Albert Sabin. Hoje, podemos visitar todas as alas, mas não vamos em todas, porque não dá tempo. Fazemos questão de ter contato com os funcionários do hospital, com os assistentes sociais, com os terapeutas ocupacionais, com enfermeiros, enfim, com todos.

**Coletivo** – Como funcionam as visitas que vocês fazem?

**Sabryna** – Nós aprendemos com o tempo. Quando começou o projeto, a gente não tinha muita noção de como fazer. Chegou a ter vezes que tinha seis palhaços em um quarto, e no outro, só tinha um. Agora, trabalhamos com duplas ou trios, fixos ou semi-fixos. Vamos pegar a lista de pacientes para ver quantas crianças tem em cada ala, quantos bebês há, porque, por exemplo, quem trabalha melhor com recém-nascido, geralmente, é quem trabalha com música, então é importante pensar nisso.

**Coletivo** – Quantos voluntários participam do projeto e como acontece a entrada de novatos?

**Sabryna** – Desde a época que entrei, cresceu muito rápido, deu uma ‘inchada’ mesmo, de 10 pessoas passou para quase 50. Depois diminuiu, porque tinha gente que achava o projeto bonitinho, entrava, tirava fotos para o Orkut e saía. Por isso, temos cuidado com a entrada de novatos, fazemos uma seleção, apesar de pensarmos: “nossa, mas são voluntários!”. Nós queremos que eles tenham responsabilidade com o projeto, porque precisamos saber com quem podemos contar para fazer o calendário. Antes de o novato participar dos atos, que é como chamamos as visitas, ele frequenta algumas reuniões. Durante os primeiros atos, ele ainda é acompanhado por uma dupla de palhaços veteranos.



**Sabryna** dedica tempo de seu final de semana para realizar trabalho social em hospitais públicos. Foto: ARQUIVO PESSOAL

**Coletivo** – Quais são as maiores dificuldades de vocês?

**Sabryna** – Nós precisamos nos reunir uma vez por mês, mas não temos uma sede. A gente se reúne onde dá, no salão de festa do prédio de algum membro, na biblioteca pública. Nós, entre os participantes, temos uma cota mensal de cinco reais, para comprar brinquedos e maquiagem. Tem gente que está interessado em fazer doação, mas estamos esperando o site ficar pronto para fazermos um link para doar e um de prestação de contas.

**Coletivo** – Como é a abordagem de vocês com as crianças?

**Sabryna** – Depende da instituição. O IJF é mais trauma, é criança que perdeu o braço, que levou um tiro, que perdeu a perna na linha do trem. Apesar de estar com a perna engessada, ela pode sair correndo atrás de ti pelos corredores. O Albert Sabin é um hospital só infantil, que trata de doenças com maior tempo de tratamento, como o câncer. Então, geralmente, os quartos vão estar com as luzes apagadas, as crianças vão estar quase todas com a cabeça raspada, acamadas, com cara triste até que você consiga alguma coisa delas.

**Coletivo** – Quais as histórias que mais te comoveram?

**Sabryna** – Já tiveram várias histórias. No Lar Torres de Melo, nós não vamos caracterizados, porque eles são mais carentes de conversa. Na última vez que fui lá, uma senhora me disse que o que ela mais queria era morrer. Ela já tinha

perdido quase todo mundo da família, só tinha uma irmã que também morava lá. Aparentemente, ela era superanimada, mas dizia que estava muito cansada de viver. Tem outra história, que é de um senhor que andava na cadeira de rodas. Botaram música, as pessoas começaram a dançar e ele ficou só olhando. Eu peguei o braço dele, comecei a rodar e ele riu. Até que teve uma hora, que ele olhou pra mim e disse: “Você me aguenta?” E levantou da cadeira de rodas, porque ele não era paralisado, só não tinha força pra ficar em pé. Ele não queria parar de dançar. Teve ou-

tra história, no Albert Sabin, que a criança não falava, nem se mexia. Eu comecei a brincar com um pássaro de papel, um outro palhaço pediu para eu continuar. Depois, ele me disse que viu na máquina que os batimentos da criança estavam subindo.

**Coletivo** – Qual a principal mudança da Sabryna antes e depois do RiSonhos?

**Sabryna** – É a visão de que nós temos poucos problemas. Se uma criança que está passando por um problema grave, ainda consegue rir de uma brincadeira que faço, eu não tenho problema nenhum.

## Projeto social

### Sonho que não se sonha só

O grupo RiSonhos, frequentemente, faz seleção para entrada de novatos. Na última, realizada no mês de setembro de 2009, 30 candidatos apareceram na primeira reunião. Após alguns encontros, nove foram selecionados para participar do grupo e oito ficaram na ‘reserva’.

Os quesitos básicos para participar são o compromisso com o projeto e a vontade de fazer o bem.

Márcio Vandré Bustamante, 23, estudante de Direito, é um dos novos palhaços da turma. O universitário, que já fez sua primeira visita a hospital, apenas como ouvinte, relata a emoção que sentiu. “No começo houve um estranhamento, por que tem coisas no hospital que não estamos acostumados a ver. Mas depois foi ótimo, é muito bom ver a alegria das

crianças com os palhaços”. Intérprete do palhaço Poeta, Bustamante confessa que não poderia arranjar melhor maneira para empregar seu tempo. “A gente fica tanto tempo ocioso que decidi aplicar meu tempo fazendo o bem”.

O jovem estudante explica, ainda, que dedicar parte do seu fim de semana alegrando crianças e idosos, não cria nenhum problema em suas relações pessoais com os amigos e a família. “Acredito que a vontade de ajudar é maior do que isso. Dá pra conciliar”.

Bustamante espera ansiosamente a estreia do palhaço Poeta nas visitas do grupo RiSonhos. Enquanto o dia não chega, Márcio Vandré se dedica a aprender mágicas para usar nos atos. “Baixei umas aulas e estou aprendendo, além de novas brincadeiras”.